

Cláudio Martins

Instituto de arte contemporânea

*R. S. ...*  
*Font 27-XII-74*

DISCURSO  
DE AGRADECIMENTO  
PROFERIDO  
NO DIA 3 DE MARÇO DE 1974  
NA CÂMARA MUNICIPAL DO CRATO.

Tenho sido, a vida inteira, um homem a procura de um caminho.

Por isso, geralmente contrastante, fiz muitas tentativas, perlustrei muitas veredas, feri os pés e as mãos nas pedras da estrada ínvia, de quase impossível acesso, para chegar até aqui, com um lugar ao sol.

Em meio a essa gama de experiências, nesta mesma heróica e inesquecível cidade do Crato, iniciei minha possivelmente frustra carreira de poeta de água doce.

Mais tarde, ao verrumar os meus exatos pendorres, em busca de vocação legítima, verifiquei que realmente de meu agrado seriam os estudos econômicos e financeiros.

E mesmo como profissional do Direito — advogado, notário público, professor de finanças e legislação fiscal e de Direito Tributário — nunca jamais me libertei das tenebrosidades dos *in folios* da economia pública.

Assim provido de tão antipoéticas inclinações, não seria de supor, nem mesmo por mim, cultor da antipoesia, que, vez por outra, voltando às origens,

eu reincidisse nas amenidades que só as Musas proporcionam.

Mas tal aconteceu. E aconteceu vezes sem conto, a ponto de aventurar-me a publicar versos, a princípio por insistência de um cratense a quem sou muito afeiçoado — o pintor e gravador Sérvulo Esmeraldo. Depois por hábito e desfastio.

E numa dessas afoitas incursões pelo reino encantado de Camena, pressionado pela saudade imensa, me foi dado imaginar uma conversa lírica com o vate Casimiro de Abreu. Conversa em que relato as profundas razões de meu apego a esta querida e generosa comunidade caririense, em cujo aconchego modelei toda a minha formação, desde a mais tenra idade, — se é que se pode chamar de tenra a ingrata e trabalhosa infância do menino pobre.

A essa conversa, — poema de minha ternura pelo Crato, — dei o nome de **Ó que saudades que tenho**, um verso do próprio Casimiro, a cujas palavras recorro freqüentemente, a guisa de recurso poético.

Diz assim:

Ó que saudades que tenho  
da aurora de minha vida,  
pobre aurora,  
pobre vida,  
de menino abandonado,  
mas quanta alegria,  
quanta,  
naquele doce abandono,

sem afeto,  
sem carinho,  
nos descuidosos vagares,  
na ingênua felicidade  
que os anos não trazem mais!

Na minha infância querida  
o Crato era bem pequeno  
mas para nós era um mundo,  
nosso mundo de meninos,  
suas estradas de areia,  
suas ruas tortuosas,  
o seu céu de primavera,  
ainda não perturbados  
pela civilização,  
eram todinhos só nossos,  
nossos só,  
de mais ninguém.

E sempre que apetecia,  
sem camisas  
que não tínhamos,  
pés descalços,  
braços nus,  
íamos furtar sem remorsos  
o pomar de Siá Aninha  
ou tomar banhos de açude,  
brincar de manja  
ou peteca,  
açoiar os mais franzinos,  
travar batalhas a pedras,  
rolar à noite na areia  
com as filhas da vizinha.

Naqueles tempos ditosos  
o Crato tinha de tudo,  
tinha o poço-da-escada  
— nossa piscina de pobre,  
o Cinema Paraíso  
com Carlitos,  
com Tom Mix,  
feiras-livres,  
cantadores  
e muitas e muitas vezes  
o Grande Circo Olimecha  
de fama internacional!

— Hoje tem espetáculo?  
Tem sim, senhor  
— Às 8 horas da noite?  
Tem sim, senhor  
— Olha a negra na janela!  
Tem a cara de panela  
— Olha a negra no portão!  
Tem a cara de tição  
— O palhaço que é?  
É ladrão de mulher  
— Ó raio  
— Ó sol  
— Suspende a lua  
Bravo do palhaço que anda na rua  
— Ó raio  
— Ó sol...  
O palhaço ordenava:  
— Anima rapaziada da canela fina!

E a vaia estrugia  
e a negrada vibrava  
espalhando pela cidade virgem  
o nosso contentamento sem limites.

O negro Vicentinho,  
nem à frente,  
no braço magro exibindo  
a cruz branca de alvaiade  
— a cruz que era o seu ingresso,  
enchia de inveja o filho do promotor  
que não podia ser moleque.

Nossas Almas, Casimiro,  
tão mal guardadas,  
tão sôltas,  
não respiravam inocência  
— essa inocência toda!  
pois as coxas torneadas,  
roliças,  
gordas,  
bonitas,  
da menina do trapézio  
do Grande Circo Olimecha  
eram já acenos lúbricos  
à nossa precocidade.

No jogo de cabra-cega  
era sempre a Mariazinha,  
tão mansa,  
tão boazinha,  
que gostávamos de agarrar.

Mas que fazer, Casimiro,  
nos dias de minha infância  
a rua era nossa escola,  
palmatória era um estímulo  
ao invés de corretivo,  
nossos pais não tinham tempo  
e a sua pedagogia  
era o relho,  
era o chicote.

No entanto, Casimiro,  
o que é bom sempre tem fim.  
Um dia chegaram desgraças:  
trem,  
automóvel,  
avião,  
tomando conta da rua,  
mudando a face de tudo,  
destruindo o nosso mundo,  
nosso mundo de meninos,  
o Crato não foi mais Crato,  
ficou tudo lá atrás,  
passou tudo,  
morreu tudo,  
até mesmo, Casimiro,  
a nossa infância querida  
que os anos não trazem mais!

Quem me dera, Casimiro,  
àqueles tempos tornar,  
quem me dera, Casimiro,  
moleque voltar a ser,  
gritar palhaço nas ruas,

encher de frutos roubados  
os bolsos por-acolá.

De que me valem tesouros,  
de que me valem honrarias,  
de que me vale o que tenho,  
se tudo, tudo eu daria  
por aquilo que não tive,  
por minha infância querida  
que nunca mais há de vir!

Ó que saudades que tenho  
da aurora de minha vida.

Meus senhores:

Trago para a beleza e grandeza desta solenidade esse momento íntimo e marcante de minha vida, bem vivida, tão-só para justificar ou tentar explicar a desmedida vaidade que me leva a aceitar homenagem tamanha.

Quando dirigidas a mim, sou visceralmente in-fenso a manifestações como a que ora presenciamos.

Amiúde posto à prova, quando, eventualmente, ocupei posições de destaque, sempre, por questão de princípio, as recusei.

Além de incômodas aos meus incoercíveis acanhamentos, não creio na pureza do incenso quando a gente só tem a dar.

Não creio, sobretudo, no prestígio outorgado por sucesso fortuito, pela desvalia da fortuna vã ou por bambúrrios da sorte.

Por isso, coerente com essa filosofia de vida, prefiro ser um anônimo e sentir, na planície inos-  
tensiva, o calor da verdadeira amizade, a lisura dos  
gestos grandiosos.

E nada mais verdadeiro e mais nobre que o bem  
que ora me fazeis.

Há pouco menos de dois anos, quando tive o pri-  
vilégio de receber e saudar, na Academia Cearense  
de Letras, o jornalista, poeta e escritor Durval Aires,  
minhas insopitáveis lembranças arrastaram-me,  
invencivelmente, para o chamego das vastidões cari-  
rienses, — o lar comum, o insubstituível lar.

E repassêi emoções e benquerenças. Analisei no  
poeta da terra do pe. Cícero minha própria meninice.  
E fiz ver, em exâgeros de recordações gratíssimas,  
que só duas forças seriam capazes de propelir para  
u'a migração forçada os que, como nós, aqui deitam  
raízes: a fome das secas e a fome de saber.

Ninguém será capaz de sentir mais do que eu a  
sincera aflição do poeta Zé de Matos, ao extravasar,  
em amarga despedida:

“Adeus cidade do Crato  
Quereres de minha vida.  
Levo saudades de ti,  
Rapadura e rapariga.”

A prova lírica vos dei há pouco. A prova provada  
vos dou agora, afirmando, igualmente com absoluta  
sinceridade, que este é o momento mais enternecedor  
de minha agitada existência.

Meus amigos, cresci no Crato e com o Crato.

Quando, aos oito anos de idade, recebi de meu pai diploma de homem feito, comecei a trabalhar.

Naquele tempo, aqui nestas paragens, ao menino classe-média só restavam dois caminhos: ser operário ou simular vocação sacerdotal, quando não a possuía, e ingressar no Seminário.

Sem qualidades para mascarar tendência mínima para as sacrossantas coisas do Deus que amava, tive que conformar-me com as coisas do demo, que estavam ali, fervilhantes, nas ruas perdidas de minha cidade.

E em meio à molecagem desenfreada, na companhia dos filhos do professor Bezerra, do cego Cleto, de Melito, de Jocel Militão e outros não menos famigerados e queridos capitães das traquinagens de minha infância, fui aprender um ofício.

Primeiro, alfaiataria — e não passei do chuleio de u'a manga de paletó.

Depois foi a tipografia, a **Gazeta do Cariri**, com um gerente duríssimo, cujo nome esqueci de propósito, e amigos como Zuza Chato, que reencontrei mais tarde em Fortaleza, — o mesmo companheiro, que gostaria de rever.

A tipografia foi minha verdadeira escola.

Compondo, letra a letra, artigos de Otacílio Macedo, de Celso Gomes de Matos e de padres eminentíssimos, aprendi a escrever corretamente, sem as complicações da gramática ou os mistérios da filologia.

E daí, desse aprendizado incomum, poder trocar, bem cedo, os romances de capa e espada, de Michel Zevaco, pelos clássicos portugueses e brasileiros.

Até então cursara apenas a escola da Beata Neves — santa Beata Neves, que tanto fez pela pobreza desta terra.

Estivesse em mim e eu lhe ergueria estátua em praça pública, pois maior que ela, na minha afeição, somente o padre Francisco de Assis Pitta, a quem o Cariri e adjacências devem o melhor de sua projeção cultural. E nós, os de minha geração, tudo o que hoje somos.

Na **Gazeta** de Bruno de Menezes permaneci tempo suficiente para alizerçar meus conhecimentos.

Mas um dia, meu pai e meus irmãos decretaram que eu deveria subir na vida.

De tipógrafo e distribuidor de jornal, guindaram-me a comerciante.

Esse foi, sem dúvida, o grande momento de minha adolescência.

Um cratense invulgar — o cel. Luiz Teixeira — resolveu, em sua inexcedível bondade, desviar-me dos perigos em que me abismara até ali e integrar-me em plano social mais alto. Fez-me amigo e colega de seus filhos, — Luizinho, de cuja intimidade participei até seu recente passamento, e Newton Teixeira, que me incentivou e deu coragem quando mais eu precisava.

Em consequência desse apoio, outras significativas amizades brotaram: Moisés e Júlio Teixeira, Pedro Macário de Brito, Eli Norões, Raimundo Siebra, Luís Gomes, Ernâni e Elmar Brígido e Silva, Tome Cabral, Raimundo Esmeraldo, Pedro e Unias Norões e muitos outros mais.

Aos quatro últimos — Tomé, Raimundo Esmeraldo, Pedro e Unias Norões — devo novo acesso.

Dessa vez, foi o milagre de meu ingresso no Ginásio do Crato, fundado no ano anterior.

Foram eles, e a coragem de meu pai, e a largueza de um irmão, que me induziram a deixar um emprego útil, a mim e aos meus, para seguir, afinal, o meu destino.

O padre Pitta, esse admirável e incompreendido benfeitor, acolheu-me sem condições, como se eu fora um milionário.

Se eu, desastradamente, não tivesse revelado inclinação para o saxofone, ele me não teria obrigado, depois, a ser músico de sua famosa banda, na companhia de Pedro Pinheiro de Melo, no trombone, Walter e Heliomar de Sá Cavalcante, mais tarde Dom Jerônimo, na trompa, e Fran Martins, nos pratos, além de outros bambas da época, em instrumentos mais esquisitos, ainda.

O Ginásio do Crato foi o ponto final de uma fase plena de tribulações e o começo de uma carreira que meu pai me ajudaria a percorrer.

Quando chegou o momento de cursar uma Faculdade, ele vendeu o pouco que aqui possuía e transmigrou para a cidade grande, a fim de que eu e o Fran não nos privássemos disso.

Grande e admirável pai que, lamentavelmente, não conseguiu viver até testemunhar seus filhos atingirem a meta que ele visualizara: um criador de Universidade, um mestre do Direito Comercial, um doutor em Odontologia e também Reitor, u'a médica e seu ex-moleque caririense transformado em doutor em Ciências Econômicas, escritor, acadêmico, Secretário de Estado e, acima de tudo, muito acima mesmo, filho

adotivo do Crato, o maior galardão que poderíamos, eu e ele, almejar.

Creio que agora compreenderéis minhas palavras iniciais. Sobretudo, minha emoção. A emoção que sente um filho espiritual desta terra, sendo recebido como filho verdadeiro.

Emoção maior, ainda, por haver tudo isso acontecido por força de iniciativa de um homem simples, como o é, sem favor, o vereador Virgílio Xenofonte de Oliveira.

Não o conhecia pessoalmente e este pormenor valoriza infinitamente a nobreza do gesto. Gesto que não poderei esquecer jamais, pois que, sem o saber, Virgílio me deu o prêmio que sempre ambicionei: a cidadania cratense.

Quero e amo sem reservas minha terra de nascimento: a cidade de Barbalha.

Mas sou um produto do Crato, de suas virtudes e defeitos, de sua grandeza e vicissitudes.

Quando o Crato ainda não conhecia automóvel, nem trem, nem avião, eu já lhe vivia os prazeres simples. E com ele cresci. Com ele me fiz homem. E pela bondade imensa dos que hoje lhe asseguram a pujança, me torno um de seus cidadãos.

Obrigado, meu caro conterrâneo Virgílio Xenofonte de Oliveira. Obrigado, meus queridos amigos da Câmara Municipal do Crato. Obrigado, sr. Prefeito, dileto amigo Pedro Felício Cavalcante. Obrigado, meu povo, povo do Crato, povo privilegiado, pois que, imune às agruras da saudade que acompanha os que daqui se vão, tem a ventura de permanecer fiel e unido à maior terra do mundo.